



Escuta, corpo e criação: relato de dois projetos de educação musical na escola de educação básica

Modalidade: Mesa-redonda - Trabalho completo

Rosana Lúcia Franco Araujo¹
Colégio Equipe- São Paulo, Brasil
rodasete@yahoo.com.br

Resumo: Por meio deste texto relato a apresentação realizada na mesa-redonda *Escuta e criação na educação musical de bebês e crianças*, durante o evento *II Jornada de Estudos “Música na Infância”* promovido pela Universidade Federal de Goiás. Na ocasião, compartilhei dois projetos que desenvolvo, como docente, no currículo de música do Colégio Equipe, São Paulo — *Cantos da Terra: Raiz, Mito e Canção* e *Sons para Guardar* — descrevendo seus fundamentos, etapas e resultados observados, com foco na relação entre escuta, corpo, repertório e criação no contexto contemporâneo e pós-pandemia.

Palavras-chave: Escuta; Corpo; Criação; Educação musical; Infância; Paisagem sonora.

Construção Coreográfica – 3ºAno



Fonte: Acervo de registros pedagógicos da autora, 2025

¹ Rosana Araújo é regente, cantora, pianista, professora, produtora e escritora. Formada em Geografia (USP) e Piano (UNESP), possui pós graduação em Linguagens Artísticas Contemporâneas – Ensino e Aprendizagem e atua desde 1989 na educação musical, técnica vocal e regência coral, tendo criado diversos grupos vocais infanto-juvenis, jovens e adultos. É mestra em Educação Musical pela UNESP, integrante do GPEM e desde 2010, professora de educação musical no Colégio Equipe, em São Paulo.



Introdução

Ao longo de mais de três décadas como educadora musical na escola básica, construí uma prática que nasceu antes de minha chegada na academia e que se formou a partir de experiências diversas: artista, regente coral, brincante tardia, pesquisadora intuitiva e professora que aprendeu fazendo. Minha trajetória, aos poucos, se moldou pela diversidade de repertórios, memórias, práticas corporais, vivências de dança, teatro, coral infantil e experimentações constantes em sala de aula. Essa combinação de referências, que, a partir de uma reflexão durante um diálogo com a professora e pesquisadora Marisa Fonterrada, chamei de uma espécie de antropofagia pedagógica, orientou a criação e desenvolvimento de propostas que relacionam escuta, corpo, repertório e criação.

A apresentação que aqui compartilho traz dois dos muitos projetos que desenvolvi para a construção do currículo de música do Colégio Equipe, em São Paulo: *Cantos da Terra: Raiz, Mito e Canção* e *Sons para Guardar*. Eles foram escolhidos porque sintetizam especialmente princípios que considero fundamentais para a educação musical de crianças: escuta sensível, corpo como instrumento, repertório significativo, criação espontânea e reflexão crítica a respeito das paisagens sonoras. Embora aplicados a estudantes de 8 e 11 anos, esses princípios podem ser facilmente adaptados para outras faixas etárias.

Importante trazer o contexto contemporâneo marcado pela aceleração das rotinas, pelo uso intensivo de tecnologias digitais e pelo afastamento gradual das pessoas dos ciclos da natureza, pela degradação das paisagens sonoras que ganhou um significado particularmente importante para a criação e o desenvolvimento desses projetos. Já há algum tempo era notório que vinha produzindo alterações perceptivas nas crianças. No retorno presencial após a pandemia de Covid-19, essas alterações se intensificaram: acuidade da



escuta comprometida, dificuldade de foco, corpos sem tônus e eixo, pouca percepção do espaço do entorno, insegurança e baixa prontidão para práticas coletivas. Nesse cenário, os projetos aqui apresentados se mostraram ferramentas importantes para reorganizar a atenção, reativar o corpo, sensibilizar e reconstruir a escuta.

Objetivo

O objetivo deste texto é relatar a apresentação realizada na mesa redonda *Escuta e criação na educação musical de bebês e crianças*, durante o evento *II Jornada de Estudos “Música na Infância”* promovido pela Universidade Federal de Goiás, na qual compartilhei dois projetos do currículo de música — *Cantos da Terra: Raiz, Mito e Canção* e *Sons para Guardar* — descrevendo seus fundamentos, etapas e contribuições para a educação musical de crianças.

Metodologia

O relato apresentado neste texto se baseia em registros de sala, produções dos estudantes, observações das dinâmicas de aula, anotações sistemáticas e materiais elaborados ao longo dos anos de prática docente. Os projetos foram desenvolvidos semanalmente em aulas de 50 minutos, com turmas dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

1. Fundamentos da prática docente

Minha prática como educadora musical foi construída ao longo da efetiva atuação na escola básica, antes de me tornar uma professora pesquisadora. Ela nasceu da experiência



direta com crianças e adolescentes e da observação contínua dos processos de aprendizagem musical. Sempre compreendi que ensinar música envolve corpo, escuta, consciência e sensibilidade, e foi a partir dessa compreensão que organizei meu currículo e minhas propostas.

Ao revisitar minha trajetória durante a escrita da dissertação de mestrado que concluí recentemente, percebi que alguns autores estiveram presentes na minha prática muito antes de reconhecê-los como referências. R. Murray Schafer foi um deles. Suas ideias atravessaram minhas propostas de escuta, de atenção ao entorno, de observação e recriação de paisagens sonoras e de reflexão a respeito de identidade sonora. Os verbos que estruturam meu currículo — reconhecer, sensibilizar, vivenciar, criar, experimentar — dialogam diretamente com sua concepção de escuta como prática ativa. Projetos como *Cantos da Terra* e *Sons para Guardar* carregam essa influência, mesmo antes de eu ter consciência disso.

Émile Jaques-Dalcroze também esteve presente desde cedo, ao me mostrar que o corpo é o primeiro instrumento musical. Sua compreensão do ritmo como experiência corporal orientou práticas que envolvem deslocamento, coordenação, improvisação, consciência de eixo corporal e relação entre gesto e intenção. Sem nomear o método, eu já trabalhava com seus princípios ao propor jogos corporais, práticas de movimento e atividades que exigiam atenção compartilhada.

Outros autores contribuíram para aprofundar minha percepção sobre o corpo e o movimento. Zélia Monteiro e Klaus Vianna, bailarinos e pesquisadores brasileiros da dança, me ofereceram ferramentas para observar a qualidade do gesto, a autoconsciência corporal e o estado físico das crianças, especialmente no retorno presencial pós-pandemia. Ohad Naharin, pesquisador e bailarino israelense, influenciou os aquecimentos corporais no início



das aulas e minha compreensão dos limites e da disponibilidade para o movimento. Marisa Fonterrada foi fundamental para ampliar repertórios, integrar práticas criativas e compreender a música como experiência que relaciona corpo, escuta e expressividade.

Esses autores não estruturaram minha prática de forma planejada; eles a atravessaram. Suas ideias estavam presentes nas escolhas que fiz ao longo dos anos, nas propostas que criei, nos repertórios que selecionei e nas estratégias que desenvolvi para que as crianças vivenciassem música de forma sensível, corporal e criativa. São esses fundamentos, construídos na experiência e reconhecidos posteriormente, que sustentam os projetos aqui apresentados.

Registro de mito de origem – Mekô Merewa



Fonte Acervo de registros pedagógicos da autora, 2020. Desenho de E. e A.

2. Projeto Cantos da Terra: raiz, mito e canção (3º ano - Anos Iniciais)

2.1. Origem e concepção

O projeto *Cantos da Terra* nasceu muito antes da minha entrada no Colégio Equipe e se consolidou ao longo dos anos como uma proposta que traz repertórios da Cultura Popular



Regional, hipóteses de paisagens sonoras originais, mitos de origem e práticas corporais criativas. A escolha por repertórios de inspiração indígena, canções de trabalho e cantigas rurais se relaciona à intenção de aproximar as crianças de paisagens sonoras naturais e de elementos da cultura brasileira, oferecendo um repertório significativo que dialoga com a história, a identidade cultural, o corpo e a imaginação.

Ao chegar ao Equipe, encontrei um ambiente pedagógico que valorizava a busca pela autonomia, o processo e a investigação além das práticas voltadas para a memória e a cultura, o que se tornou um terreno fértil e permitiu aprofundar estratégias e ampliar possibilidades para a prática docente. O projeto ganhou corpo, se diversificou e se fortaleceu tornando-se uma referência curricular para os estudantes.

2.2. Desenvolvimento e etapas

O projeto *Cantos da Terra* se desenvolve ao longo de todo ano letivo e envolve uma sequência de ações que relacionam a escuta, o corpo, repertório e criação.

Começamos explorando paisagens sonoras naturais e urbanas, levantando hipóteses sobre sons do campo e da cidade e reconhecendo características sonoras que antecedem a urbanização. A contação de histórias, mitos e lendas funciona como base para improvisação e criação de sonoplastias, aproximando narrativa e som.

As crianças constroem sequências sonoras com representações gráficas, experimentam e criam vocalizações com palavras de origem indígena, praticam jogos rítmicos e melódicos, criam quadrinhas e versos e desenvolvem consciência rítmica e melódica por meio de brincadeiras tradicionais. A prática de cânones simples e o canto a duas vozes introduzem noções de forma, sobreposição e escuta coletiva.



A movimentação corporal é contínua: danças, brincadeiras, jogos e pequenas cenas são criadas ao longo do ano. A criação cênica coletiva integra repertório, corpo e narrativa, culminando em uma apresentação final que reúne recortes das práticas realizadas.

Atividade Sala do Tempo



Fonte: Acervo de registros pedagógicos da autora, 2022

2.3. A atividade Sala do Tempo

Dentro do projeto *Cantos da Terra* foram realizadas muitas ações, exercícios e atividades, porém, no retorno pós-pandemia, criei a atividade chamada *Sala do Tempo*, quando percebi que alguns grupos retornavam especialmente dispersos, com escuta comprometida e corpo desorganizado. Preparei a sala como uma caixa em penumbra, com cortinas pretas e almofadas, retirando estímulos visuais e convidando as crianças a entrar descalças e em silêncio.



A sequência envolveu escuta de sons de ambientes diversos, desenho das imagens despertadas, trocas de impressões, escuta de sons de tempestade crescente, levantamento de hipóteses sobre a produção dos sons e criação coletiva de uma sonoplastia com materiais simples. A atividade tornou-se nitidamente um divisor de águas pois, após a sua realização pude observar a reorganização da atenção, ampliação da percepção e retorno de densidade à presença.

Exposição dos Diários de Som



Fonte: Acervo de registros pedagógicos da autora, 2023.

3. Projeto Sons para guardar (6º ano - Anos Finais)



3.1. Concepção e objetivos

Por meio do projeto *Sons para Guardar* proponho a investigação do universo sonoro cotidiano, da memória auditiva e da relação entre som, afeto e espaço. Ele nasceu da percepção de que as crianças chegam ao sexto ano com novas formas de escutar e analisar o mundo, e que esse momento é propício para aprofundar a relação entre som, memória e identidade.

3.2. Desenvolvimento e ações

Ao longo de um semestre, as crianças mantêm um *Diário de Sons*, registrando semanalmente sons do cotidiano por meio de desenhos, grafias sonoras, partituras lúdicas e descrições de contexto e características. Os desafios semanais convidam a identificar sons agudos, horripilantes, contínuos, carinhosos, perigosos ou afetivos entre outros, ampliando repertórios perceptivos.

Jogos de escuta, busca e imitação de diferentes sonoridades desenvolvem atenção auditiva e consciência dos parâmetros do som – Timbre, Altura, Duração e Intensidade. *Caminhadas silenciosas* pelo quarteirão ou proximidades da escola estimulam a escuta do entorno, a percepção da ocupação sonora dos espaços e a autoconsciência dos próprios sons produzidos.

Os *Mapas Sonoros* da casa, da escola, da praça e do itinerário percorrido durante a atividade *Caminhada Silenciosa* convidam à representação gráfica dos sons, relacionando escuta, espaço e representação.

A atividade *Sensações Sonoras* aproxima escuta e memória, permitindo que as crianças relacionem sons de ambientes diversos a lembranças pessoais e produzam desenhos que traduzem essas sensações.



O *Museu dos Sons em Extinção* promove uma excelente reflexão a respeito da evolução da tecnologia, do desaparecimento de sonoridades e transformação das paisagens sonoras contemporâneas.

Ao final, cada estudante responde à pergunta “Que som da minha história eu quero guardar?”, gravando um som pessoal e produzindo um relato ilustrado que registra e relaciona memória, afeto e percepção sonora.

4. Resultados e contribuições para a educação musical de crianças

Os projetos aqui descritos favorecem a reorganização da escuta, a ampliação de repertórios, maior prontidão corporal, aumento da atenção, fortalecimento de vínculos, criação e improvisação espontânea, consciência do entorno e percepção das paisagens sonoras. Esses efeitos foram evidentes tanto antes quanto depois da pandemia, com impacto especial no retorno ao modo presencial, quando se tornou urgente e necessário estimular a reconstrução das percepções afetadas pelo isolamento.

Embora aplicados a crianças maiores, os princípios que os organizam são compatíveis com a educação musical infantil. A adaptação para essa faixa etária poderia explorar aspectos sensoriais, jogos vocais e corporais, repertórios curtos, histórias sonorizadas, ajustando apenas a complexidade das propostas.

5. Considerações finais

Espero que esta apresentação possibilite apoiar outros educadores na construção de práticas criativas com crianças pequenas, oferecendo referências concretas que possam ser adaptadas conforme cada contexto escolar.



Referências:

ALON, Ilan. **Gaga: A New Movement Language**. Tel Aviv: Resling, 2014.

DALCROZE, Émile. **O ritmo, a música e a educação**. Org.: Lilia Justi; Rodrigo Batalha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023.

FONTEIRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MONTEIRO, Zélia. **Corpo, gesto e movimento: práticas de consciência corporal na dança contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

VIANNA, Klaus. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.